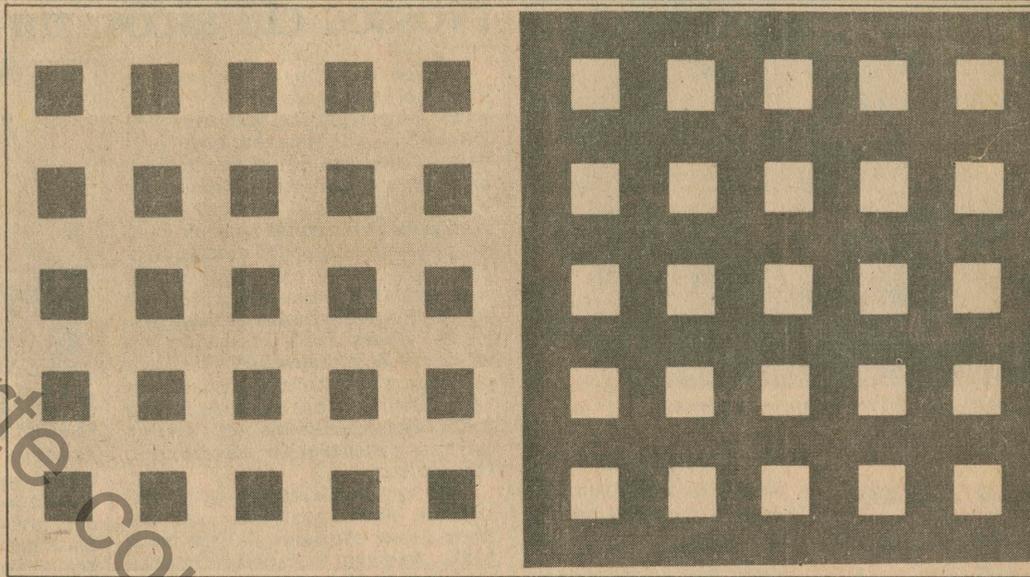




De José Antônio da Silva



De Luís Sacilotto

A coleção de Theon Spanudis. Agora aberta para todos.

CRÍTICA

É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um milionário brasileiro doar qualquer coisa para a nossa arte. Nossos museus e conselhos culturais estão superlotados de altas figuras representativas da tradição e do poder econômico e, nem por isto, as nossas instituições deixam o seu sofrimento e o seu padecimento. Na verdade, até hoje, com raras e maravilhosas exceções, estas figuras não fizeram mais do que conseguir um novo status pessoal à custa da arte e dos artistas. Os nossos museus não ganharam acervos, verbas ou mesmo o tempo útil de tão capacitadas personalidades. Dir-me-ão, talvez, que a nossa legislação não favorece doações e etc. e tal, pois a lei não permite certas deduções. É possível. Mas não consta qualquer campanha no

sentido de conseguir estas leis. E, se alguém pode fazer leis, são exatamente os poderosos. De qualquer maneira, estas circunstâncias tornam ainda mais notável a decisão do crítico de arte, poeta e psicanalista Theon Spanudis de doar a sua selecionadíssima coleção ao Museu de Arte Contemporânea (parque Ibirapuera). Esta coleção, agora exposta à visitação, compreende principalmente obras de Alfredo Volpi, Mira Schendel, Valdeir Maciel, José Antônio da Silva, Jandira Waters, Antônio Trindade Leal, Fang, Sacilotto, Valentin, Arnaldo Ferrari, num total de quase 500 obras. Destas, o doador reservou 128 para o convívio íntimo e, após a sua morte, reverterão ao MAC.

Theon Spanudis sempre foi um apaixonado pela arte de origem construtivista, especialmente o movimento concreto bra-

sileiro. E a tônica de sua coleção é esta. Certamente as preferências de Theon Spanudis e o valor que atribui a certos artistas, como é o caso de Arnaldo Ferrari, pode ser longamente discutido. Mas isto, no caso, não importa. Pois o que vale é o fato de a coleção ter uma espinha dorsal ideológica e ser capaz de preencher didaticamente um espaço da arte brasileira. E a questão de um museu como o MAC, pertencente à Universidade de São Paulo, ter conotações eminentemente didáticas. É importante que este museu tenha os artistas dos principais movimentos ocorridos no Brasil e tenha, dos principais artistas brasileiros, obras representativas de todas as suas fases.

A década de 50 assistiu a uma forte participação construtiva entre nós, especialmente devido à presença de Max Bill e

Sophia Taeuber-Arp na Bienal Internacional de São Paulo de 1951. Não há a mínima dúvida, para mim, de que o movimento concretista teve uma clara informação e origem na experiência européia, em que pese a tentativa de tantos de seus teóricos por ligações nacionalistas e de arte brasileira. Contudo, a coleção Spanudis não se resume ao concretismo e abrange outras expressões artísticas mais viscerais, como é o caso de José Antonio da Silva, demonstrando outro dado interessante da questão, este de natureza apenas humana. É de que o homem tem necessidade, para a sua alimentação espiritual, de alimentos de sabores bastante variados, elemento constante do homem e que parece eliminar — felizmente! — as imposições de gostos e preferências ideológicas.

JACOB KLINTOWITZ